

le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

VICENTE DE CARVALHO

VERSO E PROZA

S. PAULO
CARDOZO FILHO & COMP.
RUA DIREITA, 35
1909

ACADEMIAS
DE
POUCAS LETRAS

Ao Leitor

Está constituida por um grupo de quarenta pessoas, do qual fazem parte alguns escriptores, a Academia Paulista de Lettras. A prezente edição de duas obrinhas literarias, uma em verso, outra em proza, viza comemorar a fundação da Academia. E' uma homenagem — não obstante certo grão de malicia que nela pretendam descobrir espiritos malevolos. Em nosso meio intelectual a criação da Academia é um acontecimento que eu, paulista e amigo das letras, me sinto disposto a comemorar. A fórmula escolhida para a comemoração poderá não ter sido feliz. Mas foi a melhor de que dispuz. Sirva-lhe isso, e a mim, de desculpa.

Não mereci do misteriozo sufragio que deu origem á Academia Paulista a honra de entrada no illustre gremio. Nem por isso me sinto impedido de, como parte do publico associar-me cá da rua. ás festas da inauguração. Senti, e fôra fingimento negal-o, ter sido posto á margem

dessa volumosa corrente destinada a canalizar para a immortalidade rios, córregos, ou simples tanques, que formam o sistema hydrografico da nossa gloria litteraria. Mas o meu sentimento não se mescla de indignação ou de revolta. Reduz-se ao dezapontamento vago de quem não tirou a sorte grande, e lastima-o, sem disso se queixar como de uma ofensa.

A Academia organizou-se, ao que parece, com elementos representativos das trez classes em que mais geralmente se pôde dividir a litteratura: a das boas letras, a das ruins letras, e a das nenhumaas letras. Considerada nessa universalidade, claro está que a litteratura paulista enxameia de legitimos representantes; e, sendo limitado, apenas de quarenta, o numero classico de logares de que dispunha a Academia, ninguem se pôde com razão queixar por ter ficado de fóra.

Para que alguém se queixasse de não ter entrado para a Academia Paulista, era preciso que se supozesse com direito a um acazo feliz. Alguns jornalistas atacaram a Academia por motivo da não incluzão minha e de outros escriptores no numero dos academicos. Agradeço a esses jornalistas, na parte que me toca, a sua boa vontade; mas não os acompanho. Muito ao contrario disso, coloco-me ao lado da Academia para a defender da injusta arguição que lhe fazem. Não havia motivo especial indicativo do meu nome, ou do nome de ninguem, ao Acazo que, dentre os muitos milhares de habilitados como representantes da litteratura paulista nas categorias mais imaginavelmente

genericas desta, sorteou ocupantes para sós quarenta logares disponiveis.

Ha, porém, um ponto em que sinto não poder concordar com a nova Academia. Não se trata, nesse ponto, de acto ou de omissão inofensivos e imputaveis ao acazo; mas de deliberação tomada por uma corporação já constituida, deliberação que fere direito meu, do qual não estou disposto a deixar-me despojar sem protesto.

Não entra nisso que venho afirmando resquicio de exagero — é a singela constatação de um facto. Um titulo me arrego o direito de ambicionar: o de escriptor genuinamente paulista. Tenho-o sido sempre, e sou-o ha quazi trinta anos. Aqui nasci; aqui vivi sempre; aqui tenho produzido toda a minha obra, aqui a tenho publicado toda.

Congregam-se agora quarenta pessoas para se constituirem a representação official da intellectualidade paulista no terreno limitado das Letras. E' um terreno que eu conheço de vir nele mourejando ha quazi trinta anos, e no qual, seja dito de passagem, com pouca gente me tenho acotovelado na faina de arar o chão e fecundal-o em searas.!. De repente, vejo invadido esse terreno por uma força nova, que me dá a impressão de potencia estrangeira... Faz-se ella proprietaria de todo o solo até aqui comum, e no qual eu, como antigo posseiro, cultivava um pequenino recanto. Expulsa-me. E, por um acto

expresso que me viza e me fere especial e pessoalmente, declara-me prohibido de pretender mesmo voltar em qualquer tempo ao terreno de onde sou despejado sem cerimonia.

Criando-se a si mesma, a Academia Paulista criou simultaneamente, de propria inspiração, uma original incompatibilidade entre membro da Academia Brasileira e membro do seu gremio. A qualidade de membro da Academia Brasileira é irrevogavel. Por ter esse defeito já agora sem remedio, vejo-me assim privado para sempre, qualquer que seja o esforço que nisso empregue, qualquer que seja o empenho de que para isso me valha, de entrar para a Academia Paulista, isto é, de participar algum dia na representação official da literatura paulista.

A razão dada, de que eu não fui admitido na Academia Paulista por ser parte da Academia Brasileira, fez-me, literalmente, cair das nuvens num abismo de trevas e confusão. E' do fundo desse abismo que clamo, com quantas forças tenho, as presentes linhas.

Não atino com o em que se funda tal incompatibilidade. Mas sinto-lhe na pele, e mais profundamente do que na pele, as consequencias.

A incompatibilidade erigida pela Academia Paulista em principio só alcança a trez pessoas, que, unicas sobre

toda a face da terra, reúnem os requisitos de mais ou menos paulistas, e membros da Academia Brasileira: Rodrigo Octavio, Garcia Redondo, e eu. O acto da Academia Paulista, nesse particular, lembra assim um Concilio Ecumenico legislando sobre o caso da Santissima Trindade...

Não era de temer que a trindade, contra a qual a Academia Paulista, se fechou atraz do muro de um principio solidamente construido para tal fim, puzesse em risco o novo gremio, irrompendo nele como uma invazão de barbaros. Não, não era de supôr isso. Descuidando-se de decretar a incapacidade definitiva dos trez perigozos barbaros, a Academia só arriscaria trez das quarenta cadeiras de que dispõe. Ainda que Garcia Redondo, Rodrigo Octavio e eu, nos unissemos numa formidavel cruzada para a conquista dos santos logares — não poderiamos conquistar e ocupar mais do que trez desses logares. O acto da Academia, criando um principio novo e grande só para se defender de um risco tão pequeno, e muitissimo hipotetico, indica um amor da economia que raia pela sovinnice.

Emfim, a Academia póde ter as virtudes e os defeitos que quizer: criando-se a si mesma, assistia-lhe o direito de se fazer como lhe parecesse. Nem a generosidade é obrigação que se exija de alguém. Cumpre confessar, porém, que a Academia foi pouco generosa com trez pobres diabos a quem excomungou para sempre sem que eles, em verdade, tivessem dado a essa pena canonica for-

te motivo e ocasião propicia. A Academia não se limitou a não os admitir no seu gremio — aonde, aliás, nenhum deles manifestara por palavras ou por gestos intenção ou desejo de entrar. Foi além: num exagero de cautela, privou-os expressamente da possibilidade de participarem algum dia na representação oficial das letras paulistas que ela, Academia, toma a si.

Acredito que Rodrigo Octavio, si de tal couza vier a ter noticia, pouco se incomodará com ela. Nasceu ele em São Paulo — mas tem vivido e fez-se nas letras fóra daqui. Só está ligado á nossa terra pelo laço muito afrouxado do nascimento. Garcia Redondo aqui viúve e escreve literatura ha trinta anos; mas nasceu fóra das nossas divizas. Negada a ambos a qualidade de escriptor paulista, consolar-se-ão lembrando-se, um, de que é fluminense adoptivo; o outro, de que o é de nascimento. Comigo, porém, muda o caso de figura — a minha aflicção é grande, e justa. Si me tiram, e ás minhas letras, a unica terra que temos, fico eu e ficam elas sem termos onde estar.

E' a mim que atinge em toda a intensidade do seu rigor a deliberação especial tomada pela Academia Paulista contra os trez culpados de pertencerem á Academia Brasileira. Não admira que os outros dous se caleem, e eu grite. Estou gritando com justa razão. O defeito de ser membro da Academia Brasileira é insanavel — é para

a vida e para a morte. Nem morrendo me libertarei dele — que mesmo depois de eu morto me acompanhará — como toda a gente sabe que é a função dessas couzas academicas — empurrando-me pela immortalidade a fóra. O impedimento que a Academia criou para vedar-me a entrada no gremio dos escriptores paulistas é, portanto, definitivo — é por toda a vasta eternidade. Confessem que se trata de um impedimento comprido — contra o qual seria inutil a mais inabalavel paciencia.

A deliberação da Academia banindo-me para sempre, das letras paulistas, a mim, que não disponho de outra terra para nela naturalizar as minhas letras, torna-me assim uma especie de alma condenada a penar no purgatorio, pairando, por toda a eternidade, no ar.

E' no ar que eu me sinto. Ninguem dirá que sou impertinente reclamando contra a posição que a Academia Paulista, logo ao nascer, me impõe de sua propria auctoridade, e me designa por um dos seus primeiros vagidos. A Academia decretou o meu banimento perpetuo — e é esse excesso de rigor que accende em mim o classico «genus irritabile vatum», a susceptibilidade irritadica dos poetas.

Se ella me tivesse vedado a entrada no seu templo negando-me simplesmente a qualidade de iniciado no mis-

terio das letras—eu calaria a minha magua, que seria apenas uma ferida superficial na minha vaidade. Restar-me-ia a esperança de realizar com o tempo a minha iniciação nas letras, de adquirir algum dia títulos bastantes á honra que não merecera agora. Mas a Academia trancou-me para sempre a sua porta, a que eu não batera, por signal, e despojou-me de toda a esperança. — A Job esmagado pela sua colera deixou Deus a esperança de receber na outra vida uma compensação ás misérias que nesta lhe choviam em cima aos aguaceiros. A mim nada me deixa a Academia Paulista, nem nesta vida, nem para a outra.

E' uma bem dura punição por crime que cometi bem inocentemente. Si eu tivesse podido prever que o facto de pertencer á Academia Brazileira me expunha a tão aspera e tão comprida expiação, ter-me-ia abtido de para lá entrar, está visto. Se a Academia Paulista, quando eu estava a ponto de entrar para a Brazileira, me tem apontado com o dedo, piedosoza ou ameaçadoramente, aquelle famoso distico posto por Dante á porta do inferno:

«Lasciate ogni speranza, voi ch'entrate»,

é certo que eu recuava espavorido. Ou, se com os olhos abertos e assim avizado, arrostasse de propria vontade o perigo, e teimozamente entrasse no inferno, era justo que por lá ficasse, e cumprisse a pena que afrontára.

Nada disso se deu, porém. A Academia Paulista deixou-me cair na Academia Brasileira; e só depois de me pilhar lá dentro declara que aquilo é o inferno, e condena-me a lá ficar cumprindo pena pelo que restar de eternidade. E' uma surpresa; é quasi uma traição. Talvez se alegue, como escuza aproveitavel á Academia Paulista que, quando foi da minha criminoza entrada para a outra, ela ainda não existia; e não podia, por essa evidente razão dar-me avizo. Mas a alegação não procede; retrucarei eu de prompto: porque, tendo a Academia Paulista nascido por deliberação propria, nasceu quando quiz; e se não nasceu antes, a tempo util de esclarecer-me — foi por sua culpa!

Supunha eu, com ingenuidade, que a circumstancia de pertencer algum escriptor paulista á Academia Brasileira nada tinha a ver com a sua entrada ou não entrada para a Academia de cá. As duas instituições são autónomas. regulam-se, cada uma como entende, na escolha dos membros que as devem respectivamente compôr. Na Brasileira, por exemplo, sei eu que a entrada é por eleição; na Paulista, não sei bem como foi. Mas nesse particular, como no mais, cada uma age como lhe parece, sem que lhe corra obrigação, mesmo simplesmente natural, de acompanhar as opiniões e os actos da outra.

Entretanto, a ser tomada, em consideração, na escolha dos membros componentes da Academia Paulista, a circumstancia de já pertencer eu á Academia Brasileira, cuido que tal circumstancia só poderia reverter em meu beneficio, e só poderia influir no sentido de ser admitido como um titulo. Afrontando uma eleição na Academia Brasileira, eu sujeitara-me a uma prova mais dura do que aquela que a Academia Paulista exigiu dos que a compõem — e me parece não ter sido nenhuma. Indo, obscuro escriptor que se conservou sempre fiel e genuinamente provinciano, disputar a consagração de uma cadeira na Academia Brasileira, eu fôra conquistar para as letras paulistas uma representação no cenaculo das letras nacionais. Creio que o fiz sem desdouro para elas.

Argumentarem com isso para me banirem das letras paulistas, lá me parece, como melindre patriótico, um exagero, e, como logica, uma couza pelo avesso. Na moderna historia do Brazil houve, que eu saiba, trez cazos apenas de banimento: o da Familia Imperial, o do conselheiro Gaspar Martins e o meu. E' sem duvida muita honra figurar de personagem principal num tão raro episodio historico. Mas se ha honras pouco agradaveis, será essa uma delas. Principalmente nas circumstancias do meu cazo.

A Familia Imperial, banida por motivos graves de ordem publica—foi mandada para a Europa. O conselheiro Gaspar Martins, banido porque falava perigozamente da

Republica nascente com a sua voz alta de grande orador — foi mandado para a Europa. Mas eu? Banido pelo governo provisório das letras paulistas — que nem foi aclamado pelo Exercito e pela Armada, nem mesmo pela força publica do Estado, sou victima de uma violencia que a situação da patria em perigo não exigia. E' por mero diletantismo de prepotencia que a Academia me fulmina com essa «capitis diminutio» sem cauza. E posto assim, com a minha bagagem literaria, fóra das letras paulistas, para onde hei de ir, não me dirão?

Faço a pergunta em voz vibrante de afição. O cazo agrava-se singularmente pela circumstancia de não fornecer a Academia, que me manda passear, passagem para mim e carroto para a minha supradita bagagem literaria. Estou affictissimo; não, porém, succumbido: estas compridas linhas de prozas, que aproveitei um domingo de folga e de bom humor para escrever, são o grito de revolta com que reajo energicamente contra a iniquidade. Aqui declaro, alto e a bom som, que recuso a pés juntos o cazo pitoresco de desnaturalização literaria inventado pela Academia Paulista para me ser applicado.

A incompatibilidade entre as qualidades de paulista e brasileiro são uma invenção heretica: herezia juridica, herezia politica, herezia que avulta de proporções quando levantada em materia de letras — na qual materia as fronteiras geograficas são expressões quazi apagadas.

Tenho sido, sou, espero ser sempre, cumulativamente paulista e brasileiro. Tal accumulção não é daquelas que

a Constituição Federal proíbe— e o sr. Nilo Peçanha tão empenhado se mostra em corrigir. Ser cumulativamente paulista e brasileiro não é um abuzo pessoal meu — que a nova Academia tivesse urgencia de reprimir, como fez: é pratica, usual e inveterada, de todos os bons paulistas.

A minha modestia rebela-se contra essa imerecida distincção — de ser eu só punido por couza que tanta gente ha tanto tempo pratica impunemente. Se ha incompatibilidade entre ser paulista e ser brasileiro — vigore implacavelmente o principio para todos os que estão no conflicto: e eu, como parte humilde de um grande todo, me submeterei. Destacado e sozinho, declino da honra de aguentar com todo esse pezo!

Não sei bem si a Academia Paulista nasceu da litteratura paulista, ou si a litteratura paulista é que vae nascer da Academia. Analisarei mais para diante esse aspecto particularissimo do assumpto. Por agora direi que, sendo propenso á credulidade, não ponho em duvida a existencia da litteratura paulista; mas, com franqueza, não tenho tido occasião de a encontrar nos lugares que frequento — inclusivé as livrarias. A Academia, tirada da litteratura paulista, que se destina a representar magestosamente, dá ares de ter sido tirada do nada; o que, aliás, não depõe contra ella: tambem o mundo o foi, se-

gundo a autorizada versão bíblica. Criando-se assim do nada, a Academia provavelmente gostou do processo; e criou também do nada a incompatibilidade originalíssima contra a qual me venho rebelando desde o principio já remoto deste prefacio.

Tal incompatibilidade, não ha negar, defende com efficacia a Academia do perigo que esta quiz evitar. Por detraz dela poz-se a Academia ao abrigo da invasão dos barbaros, dos trez barbaros — que tantos somos os academicos brasileiros com capacidade civil para aspirar á honra de pertencer a um gremio tão fechadamente paulista. Não imagino qual a natureza dos males com que ameaçava a Academia a simples possibilidade de virmos os trez, ou algum dos trez, tentar a entrada da sua porta. Fosse quais fossem esses males, a Academia evitou o problemático perigo de que se imaginou ameaçada, — empregando nisso um meio radical, eficaz para o fim a que se destina, é certo, mas que tem outros efeitos positivamente dezastruosos:

A incompatibilidade entre as duas Academias, a vingar contra o bom senso, vai causar ás modestas letras paulistas dous graves transtornos. O primeiro deles é que ficam privados de entrar para a Academia Brasileira alguns escriptores, d'entre os poucos que possuímos, colhidos e enclauzурados pela Academia Paulista dentro dos seus apertados muros de caça de campo. Para empregar

um detestavel trocadilho, a Academia suprime assim a varios dos nossos homens de letras o classico «direito de cidade». Dir-me-ão que se trata de victimas voluntarias; mas não o somos nós, os paulistas todos, a quem pertence a gloria deles, assim cerceada — e temos justo motivo para reclamar «pro domo».

Que acabado candidato não seria Luiz Pereira Barretto na vaga de Euclides da Cunha! Que representação eloquentemente afirmativa da nossa cultura literaria faria no centro da intellectualidade nacional esse grande vulto de velho sabio servido por um estilo sempre moço de escriptor de raça! E que desvanecimento para o nosso amor proprio, podermos dar tal sucessor ao genial Euclides, que era tambem, na realidade, um escriptor paulista e uma gloria paulista!

E a Valdomiro Silveira, Amadeu Amaral, Sylvio de Almeida, José Feliciano, Martim Francisco, Brazilio Machado, Wenceslau de Queiroz, Estevam de Almeida — para citar, a titulo de documentação, alguns nomes que o publico entende — a todos esses escriptores, aptos a representarem prestigiosamente as nossas letras no amplo gremio das letras nacionais, açambarca-os a Academia Paulista, fechando-os no circulo intransponivel de uma acanhada concepção bairrista...

Todo o hipotetico prestimo que possa ela ter não bastará para resgatar esse dano tangivel que cauza logo

ao nascer. Permita a Academia que por tal motivo eu não a aplauda cá da rua, onde me poz.

Outro efeito lastimavel da incompatibilidade que a Academia apanhou não sei onde — acredito que não foi em nenhum compendio de logica:

Os novos escriptores que por aqui forem aparecendo com a ambição de entrar para alguma Academia — terão de optar entre as duas, declaradas incompativeis. Desses, os que se sentirem com forças para tanto, preferirão provavelmente ambicionar a consagração de uma cadeira na Academia Brasileira. A posteridade começa nas fronteiras—escreveu Max Nordau; a gloria começa nas divizas—póde-se traduzir, applicando com a devida propriedade da expressão technica, o pensamento de Nordau ao nosso caso regional. O scenario da Academia Brasileira é mais vasto; fulguram nela, em grande numero, grandes nomes nacionais. Não é desmerecer no valor ainda pouquissimo calculavel da Academia Paulista acreditar que a Academia Brasileira oferecerá sempre mais attractivos do que ela aos que nutrirem a ambição de um titulo academico.

Muito provavelmente os escriptores paulistas dotados de tal ambição, e capazes de a realizar na esfera mais vasta, o primeiro cuidado que terão será o de se absterem de penetrar o recinto, facilmente accessivel, mas estreito,

da Academia Paulista. Desviar-se-ão cautelosamente dela como de um buraco aberto no seu caminho. Resultará disso ver-se a Academia Paulista privada, para o futuro, do concurso dos escriptores que lhe poderiam fazer honra. No ponto de vista da Academia, creio que não será sensível essa falta: a julgar pelo criterio difficilmente apreciavel que prezidiu á organização da Academia Paulista, em pouquissima conta leva ela as qualidades literarias dos que devem compo-la. Do que ela precisa é de quarenta titulares para os quarenta titulos honorificos que criou. Pouco lhe importa que, nos quarenta marechalatos da litteratura, que instituiu, os investidos da suprema insignia sejam generais provados em batalhas ganhas, ou modestos cabos de esquadra, ou simplesmente recrutas apanhados aqui e ali, ao acazo e á ultima hora.

A Academia olhará, portanto, com soberana indifferença, para esse resultado da original incompatibilidade que inventou. Não o poderemos ver com iguais olhos, nós, o publico de paulistas, que cá da rua assistimos á passagem triumphal da Academia, concretização das nossas glorias literarias. Privada do concurso dos escriptores de merecimento que forem surgindo, e que a evitarão como a um curto bêco sem saída, ver-se-á a Academia forçada, para preencher os seus claros, a ir arrebanhando o que lhe apparecer mais á mão. Por esse processo, desaparecidos os poucos escriptores de real e conhecido valor literario que apanhou ao formar-se, a Academia, pouco a pouco

e com o correr dos tempos, se transformará numa especie de deposito publico para o rebotalho das letras paulistas.

Ora a Academia é a representação official das letras paulistas. E ninguem pretenderá que para essas letras resulte vantagem de apparecerem ellas á face do mundo officialmente representadas pelo seu rebotalho!

Longe de mim vá a intenção de aventar duvida sobre a urgencia de se fazer representar solenemente por uma Academia de Letras a literatura paulista. Oreio até, com firmeza de convicção, que o cazo era urgentissimo.

A lacuna que a Academia veiu preencher era talvez, a falha mais sensivel nas nossas grandezas. A cultura do café, que constitue uma das nossas glorias mais em evidencia, estava idoneamente representada—no terreno dos factos, pelas colheitas, no terreno da doutrina, pela Sociedade Paulista de Agricultura; mas a cultura literaria, que é a outra das nossas glorias mais em evidencia, como se fazia representar?

No terreno da doutrina, não tinha representação nenhuma — e essa falta veiu a Academia remediar a tempo. No terreno dos factos, é diferente. Ninguem contestará em boa fé que a nossa literatura, como os nossos cafezais, é copioza em colheitas. Não se faz, é verdade, encontradiça nos jornais— onde só de longe em longe aparece muito ligeiramente, e ás vezes em trajas caseiros, sem gran-

des luxos de faceirice estilística; quem a procure ingenuamente nas nossas revistas literarias, começará por não encontrar as nossas revistas literarias; tambem não frequenta, com assiduidade que se faça notar, as livrarias...

Mas abunda em romances — por escrever, em poemas — a metrificar, em estudos de critica, de filosofia, de historia, de linguística — a que só falta serem postos em vernaculo. E' pena que estivessemos desaproveitando tanta riqueza, á mingua de um ponto certo, e de destaque, de onde ela se pudesse pôr á vista do mundo. Foi o que a Academia veiu em boa hora fazer — dar-lhes um pedestal de cujo cimo os nossos romances, os nossos poemas, os nossos estudos de critica, de filosofia, de historia, de linguística, perdidos lastimavelmente até agóra não se sabe onde — poderão ser vistos de longe, por um óculo.

As letras paulistas faziam-se até aqui representar, modesta e dispersamente, por alguns escriptores conhecidos do publico. Eram uma especie de democracia pobre, na qual por um processo de sufragio universal sem aparato, o publico consagrava e elegia livremente aqueles que lhe parecia estarem nos cazos. Esse processo rudimentar, essa democracia obsoleta, essa pobreza de glorias de acazoz, desprovidos de aparato e de solenidade, eram eviden-

temente indignos do nosso espirito pratico e do nosso sentimento de grandeza.

A Academia veiu pôr-lhes um termo. Com a discreção que exigia providencia tão radical, e tão contraria aos maus habitos até hoje seguidos em toda a parte; no mysterio de um silencio cautelozo de conspiração, no fundo de uma sombra protectora da mais ampla liberdade de ação, mão benemerita e desconhecida sorteou, com ou sem trapaça, de uma urna que se não sabe qual fosse, nem o que continha, os nomes dos quarenta destinados a representarem com solenidade as letras paulistas.

A primeira noticia da idea exquizita de fundação de uma Academia Paulista de Letras — foi dada ao publico pela propria Academia em pessoa, a qual, feita e perfeita, appareceu de repente, não se sabe de onde, a encher e iluminar o horizonte. Não é de admirar que, tendo nascido por tal modo, viesse a Academia com alguns defeitos de nascença.

Póde-se pôr em duvida que, si tivesse sido submetida á apreciação do publico a idéa da fundação da Academia — essa idéa chegasse a vingar em realidade. Logo direi porque. Mas o que se não póde pôr em nenhuma duvida é que, vingada aquella idéa, em publico, e intervindo qual-quer especie de legitimo sufragio, para a constituição da

Academia — a Academia não apparecia constituida como está. O nosso meio literario é pequeno e escasso; as aptidões literarias que nele se revelam refulgem naturalmente num destaque impossivel de confundir ou esquecer.

Que significa a fundação de uma Academia Paulista de Letras em que não figura Francisca Julia da Silva, uma genuina paulista que é a maior poetiza da nossa lingua? De que não faz parte Julio Mesquita, cujo estilo ciznelado realiza a mais perfeita manifestação literaria no jornalismo nacional? Onde não entraram poetas como B. Cepelos, Canto e Mello, Candido de Carvalho, Adolpho Araujo, Gustavo Teixeira, Simões Pinto — e prozadores como Alfredo Pujol, Alberto Souza, Jacomino Define, Alvaro Guerra, Armando Prado, Veiga Miranda, Paulo Pestana, Estevam Bourroul.

O desconhecido sufragio, ou antes a desconhecida autoridade que tais nomes excluiu da Academia Paulista — não foi, está visto, o do publico; menos seria o de homens de letras. A estes não se poderia aplicar o famoso verso de Camões — que vem a talho de fouce para explicar e desculpar os que deixaram á margem aqueles poetas e aqueles prozadores:

«Que quem não sabe a arte não a estima».

São nomes de poetas e prozadores os que ahi ficaram citados — isto é, são nomes de escriptores que podiam

figurar numa Academia de Letras, e não deviam deixar de figurar numa Academia Paulista de Letras, fundada com as larguezas de quarenta logares disponiveis. Porque, em nosso meio literario pouco farto de autores, e menos de obras, formam no reduzido numero dos que, quando escrevem, escrevem como literatos. Escriutores de uma lingua são os que a escrevem com precisão e vigor, em proza ou em verso. Não é bastante escrever, muito ou pouco, para ser escriptor — no sentido nobre, por assim dizer academico, da expressão: é preciso mais, é preciso ser artista da palavra escripta. Ha verdadeiros sabios que escrevem sem esse requisito — e não são considerados escriptores da sua lingua. Uma Academia de Letras é, por natureza, e assim tem sido entendido, uma consagração dos que se distinguiram como mestres na arte de manejar por escripto a lingua nacional.

A Academia Paulista, ao que parece, não adoptou esse criterio; tambem ainda não pude perceber qual foi o que adoptou. Si a Academia entendeu que as Letras, que ela se fundou para representar, não têm essa accepção realmente restricta, mas até agora admitida e corrente—dou-lhe razão em parte a respeito do modo pelo qual se organizou. Mas nego-lh'a em outra parte. Porque é evidentissimo que si as Letras, na significação em que as toma e quer a Academia representar — são todas as letras conhecidas, belas ou gordas, sagradas e profanas, maiusculas e minusculas, de mão e de fôrma, medicas e farmaceuticas, juridicas e injuridicas — então, acho eu

que não ha motivo justificativo da odiosa excepção pessoal feita — ás de cambio. E reclamo contra o facto de não ter entrado para a Academia—o Banco do Commercio e Industria!

Não vai, no que estou dizendo, injustiça a alguns academicos muito distinctos em outras especialidades — mas que se não têm distinguido e feito conhecer como escriptores propriamente ditos. Não lhes faço sombra de injuria, nem menosprézo o seu merecimento, com achal-os deslocados na Academia. Ser escriptor não é o unico titulo de benemerencia para coisa nenhuma — a não ser, precisamente, para entrar numa Academia de Letras.

Os academicos a que me refiro nunca foram, e nunca pretenderam até agora ser, com certeza, representantes, e representantes maximos, da literatura paulista — em que estão arvorados. Si tivesse havido, para a constituição da Academia Paulista, qualquer especie de sufragio— é quasi certo que não teriam concorrido, com preterição de tantos outros que são, e têm sido, escriptores literarios, e nesse character se têm imposto á estima do publico.

Não se sabe, porém, qual o modo pelo qual se formou a Academia Paulista. A literatura e a publicidade foram sempre intimas. Coube agora a São Paulo, neste caso da Academia, a iniciativa originalissima e algum tanto ridicula, de as separar. A Academia appareceu como a alta re-

apresentação das nossas letras — investidos nas honras de escriptores consagrados os seus quarenta membros. A origem dessa alta auctoridade que a Academia se attribue, e das honras de que surgem investidos os academicos — jaz no mais insondavel misterio.

Uma das funções especiaes, talvez a principal mesmo, das Academias de Letras é a de constituirem uma como nobreza litteraria. Pertencer-lhes, vale por um titulo honorifico — e talvez só valha por isso. Justifica-se com essa razão o ser, em taes instituições, restricto e inalteravel o numero dos membros, sempre vitalicios, que as compõem. Nos paizes onde existem, as Academias assim organizadas são, por assim dizer, as depositarias da gloria litteraria, e a mais alta representação e a mais alta auctoridade official da litteratura e da lingua nacionaes. Os que para elas entram conquistam com isso o mais elevado posto official a que é dado aspirar nas letras.

A origem obscura, misteriosa pôde-se dizer, da Academia Paulista tem bastante de ridiculo posta em confronto com o grande papel que a Academia se destina, por natureza, a representar. Surgem-nos pela frente, quando menos se o esperava, quarenta principes das letras paulistas, divididas, para esse efeito, em quarenta principados. E ignora-se quem foi que os fez principes, e quem foi que fez a divisão das letras paulistas em quarenta principados.

E' um invento, esse, de que nós, os paulistas, poderemos tirar privilegio — e que faz honra ás nossas facul-

dades creativas e improvisativas. Têm sido explorados fartamente nas operetas cazos de sujeitos que se arvoram muito seriamente da noute para o dia, em reis de ilhas desertas ou imperadores do Sahara. Entretanto, esses sujeitos escolhem sempre para exercicio theorico das suas funções magestáticas — territorios vazios. A Academia Paulista foi mais longe do que eles: porque as letras paulistas, sendo em verdade pouco povoadas, não são propriamente uma ilha deserta, ou o Sahara.

A Academia Paulista é uma applicação do sistema federativo ás letras. O Brasil possui uma Academia Brasileira, que representa a literatura nacional; é natural que cada um dos Estados autonomos, em que se divide a federação, tenha a sua Academia, representante da literatura estadual. Nada mais logico e mais bem achado do que essa adaptação de cousas literarias a um principio constitucional de organização politica.

Ficou acima dito de passagem que a entrada para uma Academia com numero fixo de membros vitalicios, vale pela conquista do mais alto posto official a que é dado aspirar nas letras. Porisso talvez — como reminiscencia historica do marechalato creado por Napoleão com vinte e quatro logares fixos para constituir a suprema nobreza do Imperio e representar a gloria militar da França; porisso talvez, vinha eu dizendo, como reminiscencia historica, e ainda como troça, é costume chamar aos Imortaes que as Academias immortalizam — os marchaes das letras.

Ora no sistema federativo que nos rege, os Estados não criam generaes. A sua autonomia, nesse particular, não vai além do posto de coronel. Nas suas milicias, como na Guarda Nacional, as funções de marechal são exercidas por simples coroneis. As Academias estaduaes só poderão, portanto, nomear, em opposição aos marechaes da Academia Brasileira, modestos — coroneis das letras.

As Academias estaduaes ficarão assim sendo uma especie de Guarda Nacional, uma vasta milicia literaria dividida em vinte corpos de exercito, cada um deles composto ao todo, pelo tipo da Academia Paulista, de quarenta coroneis das letras.

Deve-se esperar que fructifique a iniciativa tomada pela Academia Paulista, de applicação do principio federativo á literatura. Seguido o grande exemplo dado por São Paulo, breve apparecerá cada Estado autonomo com a sua literatura autónoma representada por uma Academia autonoma. Haverá no Brasil, União e Estados, vinte e uma Academia de Letras, com oitocentos e quarenta escriptores consagrados, formando a nobreza literaria do paiz. Seremos a inveja e o assombro da França com a sua unica Academia de quarenta membros. Só essa idéa de levar as lampas á França, e distancial-a a tal distancia em materia de letras — dá vertigens patrioticas.

E' o ideal, dirão.

Não é. Por qual motivo havíamos de parar a meio caminho na applicação de principio tão fecundo? Os Estados são autonomos, não ha duvida; mas tambem o são o. municipios.

Porque se privarão os municipios de crear, para gloria propria e nossa, as suas Academias de Letras municipaes? E' direito que nada lhes tolhe exercer. Não sei que é que me está adivinhando o coração que qualquer dia surge por ahi Conceição de Itanhaen com a surpresa da sua Academia de Letras — criada em rivalidade á Academia Paulista.

Nem haverá difficuldades de ordem pratica na organização das Academias Municipais. Itanhaen, por exemplo, escassamente encontrará dentro das suas divisas quarenta homens de letras; mas Itanhaen desviará a difficuldade e se dispensará de homens de letras para criar a sua Academia, apadrinhandó-se nisso com o exemplo da Academia Paulista, e citando-o como autorisado, destinado a ficar classico.

Para formar a Academia Itanhaense de Letras, Itanhaen recorrerá ás pessoas conspicuas do lugar: começará nomeando academicos — o mestre escola, o juiz de paz, o vigario, os vereadores, os membros do directorio politico; e disporá em seguida, largamente, de todo o seu corpo eleitoral — que abrange o populoso districto de Perhybe.

Não posso imaginar que serviços prestará ás nossas letras a Academia Paulista. Receio que só lhes desaproveite. O simples facto da sua fundação, pelo modo pelo qual ella se fundou, depõe contra a nossa cultura litteraria. Ainda que dêa ao nosso amor proprio, a criação dessa Academia de Letras, creada ás escondidas, longe de toda a participação do publico e da imprensa, e que se apresenta de improviso investida de uma alta autoridade de que ninguem a investiu, e arrogando-se uma alta representação que ninguem lhe confiou, é, pura e simplesmente, um acto de caipirismo. A Academia Paulista, só com a sua fundação, veio mostrar de modo patente, com desar par nós, que o nosso meio intellectual está muito áquem do nosso desenvolvimento material.

Além de se fundar como se fundou, a Academia veio pôr em destaque uma tristissima verdade: a pobreza das nossas letras, tão pobres, realmente, na sua escassissima producção, que pouco mais é do que nenhuma. Essa pobreza, até aqui envergonhada, passava modestamente protegida do mundo da atenção por uma propicia obscuridade. A Academia Paulista veio dar relevo á miseria da nossa suposta litteratura regional, attribuindo a esta uma representação aparatosa e funções magestaticas, posta sobre um throno de theatro, de onde aparece ao mundo coberta de andrajos, e fazendo de rainha, cercada de um imponente cortejo de quarenta principes, feitos expressamente principes para serem seus validos e mentores...

Agora, uma explicação final:

Explanei longamente, em metade deste prefacio as razões do meu desacordo com a Academia Paulista relativamente á incompatibilidade com que ela me fulminou. Não aceito essa incompatibilidade como coisa que se tome a serio. Recuso a desnaturalisação literaria que se me quer impor. Este prefacio é, na sua maior parte material, um protesto contra a violenta medida de que fui e sou victima. Não quero, porém, em tão grave assumpto, determe nos efeitos plátonicos de um simples protesto. Rebelo-me por actos, á mão armada — armada deste livrinho — contra a tirania academica. Bato com este livro, como se ele fosse um martelo, contra a porta que a Academia me trancou. Quero entrar para a Academia Paulista: serei candidato em todas as eleições que ela tenha de fazer.

A minha teimosia nisso está em serviço, não da minha pessoa e das minhas glórias, mas de um respeitavel principio, que muito por acaso represento: vejo-me forçado a sustentar, por palavras e por actos, que não perdi a minha qualidade de escriptor paulista por ter tido a honra de entrar para a Academia Brasileira. Faço questão de vida e de morte, em continuar a ser ao mesmo tempo paulista e brasileiro. Tento provar á Academia de cá que sou escriptor paulista, ainda que humilde, e de poucas letras. Apresento-lhe para isso, como documento, duas obrinhas genuinamente paulistas, de nascença e de assumpto, intencionalmente escolhidas para o fim a que as destino: uma em verso, outra em proza; e ambas são curtas.

Direi rapidamente porque as preferi com essas qualidades. O verso é considerado a fôrma suprema da expressão literaria. Imaginei dar em verso, á Academia, a prova de que sou escriptor paulista. Mas reflecti que a Academia, pelo modo pelo qual foi organizada e está composta, considera provavelmente como couza somenos, e massada, as banalidades metricas. Resolvi, pois, acrescentar aos versos, que destino ao naturalmente pequeno numero de academicos paulistas não de todo avessos á poesia, uma obrinha em proza, mais suave de ler. Escolhi-as curtas, uma e outra producção, e fiz pouco grosso o presente volume editado especialmente, por saber que em geral, ao juizo dos que não são amadores dedicados da literatura, influe muito no valor de uma obra literaria, que tenham de ler, o tamanho: quanto menores, melhores. Não tendo certeza de que a Academia Paulista de Letras seja, em sua maioria, grande amadora de couzas literarias, acauteleime.

Sou, pois, candidato á vaga que já existe na Academia Paulista — e de todas as outras que se derem. Este livrinho é a circular que dirijo ao illustre eleitorado academico, cujos votos reço com insistencia e ardor, e de quem me subscrevo

Muito Att.º Venerador e Muitissimo Patricio

VICENTE DE CARVALHO.

FUGINDO AO CAPTIVEIRO



I

Horas mortas. Inverno. Em plena mata. Em plena
Serra do Mar.

Em cima, ao longe, alta e serena,
A ampla curva do ceu das noites de geadas:
Como a palpação vagamente azulada
De uma poeira de estrelas.

Negra, imensa, disforme,
Enegrecendo a noite, a desdobrar-se pelas
Amplidões do horizonte, a cordilheira dorme.

Como um sonho febril no seu somno ofegante,
Na sombra em confusão do mato farfalhante,
Tumultuando, o chão corre ás soltas, sem rumo:
Tropa agora alcantis por escarpas a prumo,
Erriça-se em calhaus, bruscos como arrepios;
Mais repousado, além levemente se enruga
Na crespia ondulação de cómoros macios;
Resvala num declive; e logo, como em fuga
Precipite, atravez da escuridão nocturna,
Despenha-se de chofre ao vácuo de uma furna.

Do fundo dos grotões outra vez se subleva,
Surge, recai, resurge. E, assim, como em torrente
Furiosa, em convulsões, vai rolando na treva
Despedaçadamente e indefinidamente.

Muge na sombra a voz rouca das cachoeiras.

Rajadas sorrateiras

De um vento preguiçoso arfam de quando em quando
Como um vasto motim que passa sussurrando:
E em cada arvore altiva, e em cada humilde arbusto,
Ha contorções de raiva ou frémitos de susto.

A mata é tropical: basta, quasi macissa
De tão cerrada. Ao pé do tronco dominante,
Que, imperturbavelmente imóvel, inteiriça
Sob a rija galhada o torso de gigante,
— Uma vegetação turbulenta e bravia
Rasteja, alastra, fura, enrosca-se, porfia:
Moutras de craguatás agressivos; rasteiras
Traçoerabas tramando o chão todo; touceiras
De brejaúva, em riste as flexas ouriçadas
De espinhos; e por tudo, e em tudo emaranhadas,
As trepadeiras, em redouças balouçando
Hastes vergadas, galho a galho acorrentando
Arvores, afogando arbustos, brutalmente
Enlaçando á jissara o talhe adolescente.
Cem especies formando a trama de uma sebe
Atulhando o desvão de dous troncos; a plebe
Da floresta, oprimida e em perpetuo levante.

Acesa num furor de seiva transbordante,
Toda essa multidão desgrenhada—fundida
Como a conflagração da cem tribus selvagens
Em batalha—a agitar cem fórmulas de folhagens
Disputa-se o ar, o chão, o orvalho, o espaço, a vida.

Na confusão da noite, a confusão do mato
Géra alucinações de um pavor insensato,
Aguça o ouvido ancioso e a visão quasi extincta:
Lembra—e talvez abate—urros de onça faminta

A mal ouvida voz da tremula cascata
Que salta e foge e vai rolando aguas de prata.
Rugem sinistramente as moutas sussurrantes.
Acoutam-se traições de abismo numa alfombra.
Penedos traçam no ar figuras de gigantes.
Cada ruido ameaça, e cada vulto assombra.

Uns tardos caminantes
Sinistros, meio nús, esboçados na sombra,
Passam, como visões vagas de um pesadelo. . .

São captivos fugindo ao captiveiro. O bando
E' numeroso. Vêm de longe, no atropelo
Da fuga perseguida e cançada. Hesitando,
Em recúos de susto e avançadas afoutas,
Rompendo o mato e a noute, investindo as ladeiras,
Improvisam o rumo ao acaso das moutas.

Vão arrastando os pés chagados de frieiras.

De furna em furna a Serra, imensa, se desdobra;
De sombra em sombra a noute, infinda, se prolonga;
E flexuosa, em vaivens, como de dobra em dobra,
A longa fila ondula e serpenteia, e a longa
Marcha atravez da noute e das furnas avança.

Vão andrajosos, vão famintos, vão morrendo.
Incita-os o terror, alenta-os a esperança :
Fica-lhes para traz, para longe, o tremendo
Captiveiro. E atravez desses grotões por onde
Se arrastam, do sertão que os esmaga e os esconde,
Da vasta escuridão que os cega e que os ampara,
Do mato que obsta e apaga os seus passos furtivos,
Seguem, almas da hebreus, rumo do Jabaquara
— A Canaan dos captivos.

Vão calados, poupando o folego. De quando
Em quando—fio dagua humilde murmurando
As tristezas de um lago imenso — algum gemido,
Um grito de mulher, um choro de criança,
Conta uma nova dor em peito já dorido,
Um bruxoleio mais mortiço da esperança,
A rajada mais fria arripiando a floresta
E a pele nua ; o espinho entrando a carne ; a aresta
De um seixo apunhalando o pé já todo em sangue ;
Uma exacerbação nova da fome velha,
A tortura da marcha imposta ao corpo exangue,
O joelho exausto que, contra a vontade, ajoelha .

E a longa fila segue: a passo, vagarosa,
Galga de fraga em fraga, a montanha fragosa,
Bem mais fragosa, bem mais alta que o Calvario...

Um, tropeçando, arrima o pai octogenario;
Os mais valentes dão apoio aos mais franzinos;
E Mães, a agonisar de fome e de canção,
Levam com o coração mais do que com e braço
Os filhos pequeninos.

II

Eil-o, por fim, o termo desejado
Da subida: a montanha avulta e cresce
De um vale escuro ao ceu todo estrelado;
E o seu cume de subito aparece
De um resplendor de estrelas aureolado.

Mas ai! Tão longe ainda!. E de permeio
A vastidão da sombra sem caminhos,
Um fundo vale, tenebroso e feio,
E o mato, o mato das barrocas, cheio
De fantasmas, de estrepitos, de espinhos.

Tão longe ainda!. E os peitos arquejantes,
E as forças e a coragem sucumbindo.
Estacando, aterrados, por instantes
Pensam que a morte hão de encontrar bem antes
Do termo desse itinerario infindo.

Tiritando, a chorar, uma creança
Diz com voz debil: «Mãi, faz tanto frio!. »
E a mãi os olhos desvairados lança
Em torno, e vê apenas o sombrio
Manto de folhas que o tufão balança.

« Mãi, tenho fome! » a creancinha geme;
E ela, dos trapos arrancando o seio,
Põe-lh'o na boca anciosa, aperta e espreme.
Arido e seco!. e do caminho em meio
Ela, aterrada e muda, estaca e treme.

Vai-lhe morrer, morrer nos proprios braços,
Morrer de fome, o filho bemquerido;
E ela, arrastando para longe os passos,
O amado corpo deixará, perdido;
Para os seus beijos, para os seus abraços.

Esse cadáver pequenino, e o riso
Murcho no labio, e os olhos apagados,
Toda essa vida morta de improviso,
Hão de ficar no chão, abandonados
A' inclemencia dos sóes e do granizo;

Esse entesinho debil e medroso,
Que ao mais leve rumor se assusta e busca
O azilo de seu seio carinhoso,
Ha de ficar sósinho; e, em torno, a brusca
Voz do vento ululante e cavernoso.

E, em torno, a vasta noute solitaria,
Cheia de sombras, cheia de pavores,
Onde passa a visão errante e vária
Dos lobishomens ameaçadores
Em desfilada solta e tumultuaria.

Desde a cabeça aos pés, toda estremece;
Falta-lhe a força, a vista se lhe turva,
Toda a coragem na alma lhe esmorece.
E, afastando-se, ao longe, numa curva
O bando esgueira-se e desaparece.

Ficam sós, ela e o filho, agonisando,
Ele a morrer de fome, ela de medo.
Ulula o furacão de quando em quando,
E sacudindo os ramos e folhedo
Movem-se as arvores gesticulando.

Ela ergue os olhos para o ceu distante
E pede ao ceu que descortine a aurora:
Dorme embuçado em sombras o levante,
Mal bruxoleia pela noute fóra
Das estrelas o brilho palpitante.

Tenta erguer-se, e recai; soluça e brada,
E apenas o éco lhe responde ao grito;
Os olhos fecha para não ver nada,
E tudo vê com o coração afficto
E tudo vê com a alma alucinada.

Dentro se lhe revolta a carne; explode
O instinto bruto, e quebra-lhe a vontade:
Mães, vosso grande amor, que tanto póde,
Póde menos que a indómита anciedade
Em que o terror os musculos sacodé!

Ela apertando o filho estreitamente,
Beija-lhe os olhos humidos, a bôca.
E desvairada, em pranto, ebria e tremente,
Arrancando-o do seio, de repente
Larga-o no chão e foge como louca.

III

Aponta a madrugada:
Da turva noute esgarça o humido veu,
E espraia-se risonha, alvoroçada,
Rosando os morros e dourando o ceu.

A caravana tropega e anciosa
Chega ao tope da Serra.
O olhar dos fugitivos
Descança emfim na terra milagrosa
Na abençoada terra
Onde não ha captivos.

Em baixo da montanha, logo adeante,
Quasi a seus pés, uma planície imensa,
Clara, risonha, aberta, verdejante:

E ao fundo do horizonte, ao fim da extensa
Macia varzea que se lhes depara
 Ali, proxima, eu frente,
Esfumadas na luz do sol nascente
As colinas azues do Jabaquara.

O dia de ser livre, tão sonhado
Lá do fundo do escuro captiveiro,
Amanhece por fim, leve e dourado,
 Enchendo o ceu inteiro.

Uma explosão de jubilo rebenta
Desses peitos que arquejam, dessas bocas
Famintas, dessa turba macilenta:

Um borborinho de palavras loucas,
De frases soltas que ninguem escuta
Na vasta solidão se ergue e se espalha,
E em pleno seio da floresta bruta
Canta victoria a meio da batalha.

Seguindo a turba gárrula e travessa
Que se alvoroça e canta e salta e ri-se,
Um coitado, com a tremula cabeça
Toda a alvejar das neves da velhice,
Tardo, tropego, só, desamparado,
Chega afinal, exsurge á superficie
Do alto cimo; repousa, consolado,
Longamente, nos longes da planicie
O olhar quasi apagado;
Distingue-a mal; duvida; resmungando,
Fita-a. . . Comprehende-a pouco a pouco: vê-a
Anunciando proxima, esboçando
— No chão que brilha de um fulgor de arêa,
Num verde claro de hervaçal que ondêa —
A aparição da Terra Prometida.

Todo tremulo, ajoelha; e ajoelhado,
De mãos postas, nos olhos a alma e a vida,
Ele, o mesquinho e o bemaventurado,
Adora o Ceu nessa visão terrena.

E de mãos postas sempre, extasiado,
Murmura, reza esta oração serena
Como um tosco resumo do Evangelho:

«Foi Deus Nosso Senhor que teve pena
De um pobre negro velho. . .»

Seguem. Começa a ingreme descida.

Descem. E recomeça

A peregrinação entontecida

No labirinto da floresta espessa.

Sob o orvalho das folhas gotejantes,

Entre as moutas cerradas de espinheiros,

Andrajosos, famintos, triunfantes,

Descem barrancos e despenhadeiros.

Descem rindo, a cantar. Seguem, felizes,

Sem reparar que os pés lhes vão sangrando

Pelos espinhos e pelas raizes;

Sem reparar que atraz, pelo caminho

Por onde fogem como alegre bando

De passarinhos da gaiola escapo

— Fica um pouco de trapo em cada espinho

E uma gota de sangue em cada trapo.

Descem rindo e cantando, em vozeria

E em confusão. Toda a floresta, cheia

Do murmúrio das fontes, da alegria

Deles, da voz dos passaros, gorgeia.

Tudo é festa. Severos e calados,

Os velhos troncos, placidos ermitas,

Os proprios troncos velhos, remoçados,

Riem no riso em flor das parasitas.

Varando acaso ás arvores a sombra
Da folhagem que á brisa arfa e revoa,
Na verde ondulação da humida alfombra
O ouro leve do sol bubuia á toa;
A agua das cachoeiras, clara e pura,
Salta de pedra em pedra, aos solavancos;
E a flor de S. João se dependura
Festivamente á beira dos barrancos.

Vão alegres, ruidosos. Mas no meio
Dessa alegria palpitante e louca,
Que trasborda do seio
E transbordada canta e ri na boca,
Uma mulher, absorta, acabrunhada,
Segue parando a cada passo, e a cada
Instante os olhos para traz volvendo:
De além, do fundo dessas selvas brutas,
Chama-a, seu nome em lagrimas gemendo,
Uma vózinha anciosa e suplicante.

Mãe, onde geme que tão bem o escutas
Teu filho agonisante?

IV

De repente, como um agouro e uma ameaça,
Um alarido de vozes estranhas passa
Na rajada do vento. /

Estacam.

Como um bando
De ariscos caitetés farejando a matilha,
Imoveis, alongado o pescoço, arquejando,
Presa a respiração, o olhar em fogo, em rilha
Os dentes, dilatada a narina, cheirando
A aragem, escutando o silencio, espreitando
A solidão; assim, num alarma instintivo,
Estaca e põe-se álferta o bando fugitivo.

Nova rajada vem, novo alarido passa .

Como, topando o rastro inda fresco da caça,
Uiva a matilha emquanto inquire o chão agreste,
E de repente, em furia, alvoroçada investe
E vai correndo e vai latindo de mistura ;
Rosna ao dar-lhes na pista a escolta que os procura,
E morro abaixo vem ladrando-lhes no encalço.

Grita e avança em triunfo a soldadesca utana.

E os frangalhos ao vento, em sangue o pé descalço,
Alcateia usurpando a fôrma e a face humana,
Almas em desespero arfando em corpos gastos,
Mães auctas levando os filhinhos de rastos,
Homens com o duro rosto em lagrimas, velhinhos
Esfarrapando as mãos a tactear nos espinhos ;
Toda essa aluvião de caça perseguida
Por um clamor de furia e um tropel de batida,
Foge. Rompendo o mato e rolando a montanha,
Foge. E, moutas a dentro e barrocaes a fóra,
Arrasta-se, tropeça, esbarra, se emaranha,
Arqueja, hesita, afrouxa, e desanima, e chora .

Páram.

Perto, bramindo, a escolta o passo estuga.

Os fugitivos, nesse aproximar da escolta
Sentem que vai chegando o epílogo da fuga:
A gargalheira, a algema, as angústias da volta.

Além, fulge na luz da manhã leve e clara,
O contorno ondulante e azul do Jabaquara.
Adeus, terra bemdita! Adeus, sonho apagado
De ser livre! É preciso acordar, e acordado
Ver-te ainda, e dizer-te um adeus derradeiro,
E voltar, para longe e para o captiveiro.

Sobre eles, novamente, uma funerea noute
Cáí, para sempre.

Como a tropega boiada,
Que, abrazada de sede e tangida do açoute,
Se arrasta pela areia adusta de uma estrada;
Volverão a arrastar-se, humildes e tristonhos,
Tangidos do azorrague e abrazados de sonhos,
Pelo deserto areal desse caminho estreito:
A vida partilhada entre a senzala e o eito.

Agrupam-se, vencidos,
A tremer, escutando o tropel e os rugidos
Da escolta cada vez mais em furia e mais perto.

Nesse magote vil de negros maltrapilhos
Mais de um olhar, fitando o vasto ceu deserto,
Ingenuamente exprobara o Pai que engeita os filhos...

Destaca-se do grupo um fugitivo. Lança
Em torno um longo olhar tranquillo, de esperança,
E diz aos companheiros:

«Fugi, correi, saltai pelos despenhadeiros;
A varzea está lá em baixo, o Jabaquara é perto.
Deixai-me aqui sosinho.
Eu vou morrer, de certo.
Vou morrer combatendo e trancando o caminho.

A morte assim me agrada:
Eu tinha de voltar p'ra conservar-me vivo.
E é melhor acabar na ponta de uma espada
Do que viver captivo.»

E enquanto a caravana
Desanda pelo morro atropeladamente,
Ele, torvo, figura humilde e soberana,
Fica, e a pé firme espera o inimigo iminente.

•
Hercules negro! Corre, abraza-lhe nas veias
Sangue de algum heroico africano selvagem,
Acostumado á guerra, a devastar aldeias,
A cantar e a sorrir no meio da carnagem,
A desprezar a morte espalhando-a ás mãos cheias.

Não pôde a escravidão domar-lhe a indole forte,
E vergar-lhe a altivez, e ajoelhal-o deante
Do carrasco e da algema:
Sorri para o suplicio e a fito `encara a morte
Sem que lhe o braço trema,
Sem que lhe ensombre o olhar o medo suplicante.

Erguendo o braço, ele ergue a fouce: a fouce volta,
E rola sobre a terra uma cabeça solta.
Sobre ele vem cruzar-se o gume das espadas.
«Ah, prendel-o, jamais!» respondem as fouçadas
Turbilhonando no ar, e ferindo, e matando.

De lado a lado o sangue espirra a jorros. Ele,
Agil, possante, ousado, heroico, formidando,
Faz frente: um contra dez, defende-se e repele.

E não se entrega, e não recúa, e não fraqueja.
Tudo nele, alma e corpo ajustados, peleja:
O braço lucha, o olhar ameaça e desafia,
A coragem resiste, a agilidade vence.

E, coriscando no ar, a foice rodopia.

Afinal um soldado, ebrio de covardia,
Recúa; vai fugir Recúa mais; detem-se:
Fóra da luta, sente o gosto da chacina;
E vagarosamente alçando a carabina,
Visa, desfecha.

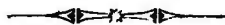
O negro abrija um passo á frente,
Erguêra a foice, armava um golpe.

De repente
Estremece-lhe todo o corpo fulminado.

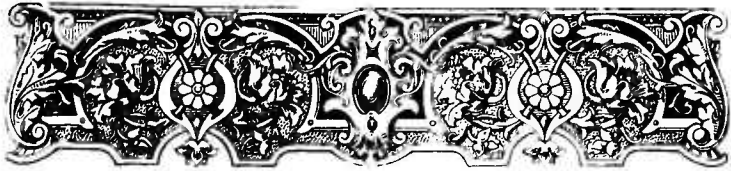
Cáilhe das mãos a fouce, inerte, para um lado,
Pende-lhe, inerte, o braço. Impotente, indefeço,
Ilumina-lhe ainda a face decomposta
Um derradeiro olhar de afronta e de desprezo.

Como enxame em furor de vespas assanhadas,
Assanham-se-lhe em cima os golpes sem resposta,
E retalham-n'ó á solta os gumes das espadas.

E retalhado, exausto, o luctador vencido
Todo flameja em sangue e expira num rugido.



SELVAJEM



Chegando ao porto do Buracão, no canal da Bertioga, a canôa parou, encostada ao barranco. Serafim ergueu o amolaxado bahú de folha, pol-o em terra. Em pé, na borda, com a mão esquerda apoiada no chão, a direita agarrada a uma touça de capim, balanceou o corpo, firmou o pulo, saltou.

— Adeus, todos! disse, dirigindo-se ao patrão e aos remeiros.

— Até um dia, sargento! responderam.

A embarcação largou, os pesados remos de voga bateram nagua. Ficando só, na solidão daquela furna apertada entre morros e apenas aberta para o canal, Serafim relanceou em torno um olhar pensativo. O terreno descia, ondulando levemente, até achar-se de todo em estreito brejo, que uma gamboa cortava. Num velho rancho, cujo tecto de palha se apoiava sobre estacas empoladas de craca e fincadas na lama da gamboa, tres ou quatro canôas descansavam em secco sobre estivas de jissara. Destacando-se da confusa vegetação baixa, quasi anonima

uma grande figueira, enraizada na barrauca, dependurava dos galhos estendidos sobre o canal longos ninhos de guaches; um jarová, muito esguio, deixava pender do alto, com um ar de desanimo, a sua folhagem desbotada e frouxa, de coqueiro desterrado no brejo; adeante, uma copada fronde de ipê, meio dourado das primeiras flores, rumorejava de um bando de gralhas assustadas que revoavam e gritavam com voz irritada.

Serafim reconheceu os morros, o pequeno varzedo ondulante, a gamboa lamacenta, o velho rancho, as velhas canôas, a grande figueira, o jarová solitario, o ipê dourado. Ali estava, ao sopé de um morrote, a entrada do caminho da praia, rasgada no mato, entre moutas de taquarussú, numa pequena subida de areia solta.

Com um gesto lento, preso á contemplação comovida das coisas, outrora familiares, e que agora revia depois de tanto tempo, Serafim ergueu o bahu para o hombro. Deu alguns passos vagos, de distraído. E, desprendido afinal, galgou a pequena subida, enveredou resolutamente pelo caminho. Havia cinco annos que se fôra. O trilho que seguia ia-lhe despertando, em todas as minucias, a lembrança do funesto dia em que ali passára pela ultima vez, aterrado recruta, algemado, entre quatro soldados.

Recompunha mentalmente aquele trecho, rapido e violento como um tufão, do seu passado: pela madrugada antes de clarear o dia, haviam batido á porta do velho Antonio do Monte, seu padrinho, com quem Serafim ficára vivendo desde que, aos nove annos, uma epidemia de bexigas lhe levára os pais. Antonio do Monte tinha saído, á noite, para o mar; Serafim estava sósinho em casa. Acordára,

abrir a porta, imaginando que seria o pescador, já de volta. E ao surgir entre os batentes, espreguiçando-se, tonto de somno, quatro soldados haviam-n'o brutalmente agarrado, subjugado, algemado.

Pensando agora no seu assombrado terror de então, terror de ser soldado, terror da farda, do quartel, da guerra, Serafim teve um assomo de veterano: alçando a cabeça, cofiando o bigode, murmurou entre dentes:

— Coisas de paizano. .

• Feito, porém, esse comentario todo actual, restituiu-se á simples recordação daquele momento, cheio de emoções e já longinquo, de sua vida. Os soldados — tres praças e um cabo — não lhe haviam dado tempo de nada. Empurraram-n'o para diante, dirigindo-lhe graçolas, que ele, cabisbaixo e atordado, mal ouvia. Não podéra despedir-se de ninguém, a não serem dois ou tres madrugadores que abriam as portas emquanto ele passava, e que, espantados e pezarosos, atiravam-lhe palavras de coragem com voz comovida e gestos de desalento...

Fôra assim, esmagado e tonto, por todo o pedaço de varzea semeada de casas. Ao chegarem, ele e a escolta, ao alto do morro, vinha amanhecendo. Do mar largo subia pelo céu aquele desdobramento de ouro que vem logo adiante do sol. Na claridade em que o lusco-fusco se adelgaçava, tudo aparecia como através de uma gaze côr de rosa.

Pararam um momento, e voltaram-se: os soldados, para apreciarem o largo, formosissimo panorama desenrolado em baixo; ele, para olhar pela derradeira vez a praia onde nascera e onde vivera até então, as coisas queridas que não contava ver nunca mais.

Lá embaixo, a noticia de sua prisão correra já, sem duvida, de casa em casa. Apinhavam-se nas portas os moradores. Ele percebera-o confusamente, no relance em que seus olhos vagaram na procura da casinha branca, entre pitangueiras, para o canto da praia, onde morava a sua noiva. Distinguira Thereza, entre os pais e os irmãosinhos. A moça, num gesto desconsolado, dizia-lhe adeus, acenando com um lenço. Numa alucinação que suprimia a distancia, pareceu a Serafim ver nas faces morenas de sua noiva, dois claros fios de lagrimas.

Viera-lhe então um arranco de não seguir, de fincar os pés no chão, brigar com os soldados, acabar com a vida ali mesmo. Mas de repente, o cabo, farto de panorama, empurrára-o, dizendo-lhe com voz aspera e firme :

— Siga, camarada. Aquilo acabou. Agora, é meia volta á direita, marche para o Paraguai. E ande liso, si não quer entrar em muita lambada.

A frase dura do cabo — *Aquilo acabou!* — ecoára-lhe dolorosamente no coração. De chofre, ele sentira a verdade terrivel daquelas palavras. Tudo estava acabado. Thereza lá ficára, perdida para sempre, para sempre. . Uma repentina, escura certeza de não voltar nunca mais, esvaziara-lhe em sombra a vida, como numa noite que não devesse ter fim... A angustia enchera-lhe o peito, asfixiando-o quasi: e subira, explodira-lhe á garganta, num soluço, um só, longo, sufocado, supremo.

Arrancandô a custo os olhos do vulto de Thereza, que acenava sempre, ao longe, e assim lhe mandava num gesto de carinho o derradeiro adeus, ele pozera no ultimo olhar o coração todo; e, abai-

xando a cabeça, seguira, sem vontade, tomado de um desespero inerte, num desanimado abandono de si mesmo.

De então por diante, nenhuma revolta, mais nenhuma veleidade de insubmissão contra o destino que o empolgava. Fôra calado e sucumbido até ao Buracão. Só ahi, em condições tocantes que lhe reapareciam agora esfumadas, como de muito longe, na lembrança, disséra as primeiras palavras.

A canôa, levando-o recrutado, afastára-se já de terra, as primeiras remadas tinham caído nagua, quando, na beira do barranco, surgiu o seu cão, o *Perdido*. Em menêios afflictos, alongando o pescoço, ora erguendo a cabeça, ora roçando a areia com o focinho, correndo de um lado para outro, farejando em vão um caminho que não havia, pozera-se o cachorro a gemer e a ladrar, em uivos roucos e incompletos, entrecortados de latidos de colera e de revolta. Afinal, numa subita decisão, atirára-se ao rio e nadára na esteira da canôa.

Serafim, mesmo algemado, podéra agarral-o, suspendel-o até á borda, embarcal-o. Mas, *Perdido*, sacudindo alegremente o pêlo encharcado, borrifára de agua as calças do cabo; e este, furioso, agarando-o pelo pescoço, arrojára-o de um tranco ao meio do rio, resmungando:

— Sai, peste! Olhem que Voluntario da Patria ia a gente levar para o quartel.

Serafim intercedera então pelo cachorro perguntando, timidamente, si não poderia leval-o comsigo.

E o cabo a rir:

— Ora o bruto do caiçara querendo entrar para as fileiras já com ordenança atraz. .

Todos riram, menos Serafim, que embatucára, remergulhando no seu silencio e no seu desespero.

Serafim entrou com uma indiferença resignada para a vida do quartel, e, pouco depois, para o batalhão do norte, de passagem por Santos, e em cujas fileiras seguiu para o Paraguai. A pouca expansibilidade nativa, tornada mais aspera, mais sornbatica, pelo retraimento vagamente rancoroso, do seu desespero, isolou-o no amalgame do batalhão, composto de nortistas prosas, entremeados de caipiras de serra acima.

A pouco e pouco, perdeu quasi o uso da fala. Embotou-se-lhe a sensibilidade. O seu coração selvagem fôra sempre como esses rudimentares urocungos dos negros da Costa, que só têm uma corda, e só vibram de um som. O sentimento que o dominava absorvia-o todo. Outrora, na longinqua praia natal, a sua vida de adolescente fôra, em todas as circumstancias, em todas as situações, um reflexo do amor de Thereza, como esses rios que correm num chão levemente ondulado de campo, enroscando-se em barrancos, tropeçando em pedras, espraiando-se em brejos, mas reflectindo sempre, em todas as suas curvas desiguais, o azul do céu.

Arrancado bruscamente áquele sentimento, que lhe fazia amar a vida, cheia dele, só ficou em seu coração apagado, incapaz de nuanças, um negro, absoluto desespero. Nem conseguiram sacudir-lhe os nervos, fazel-o vibrar numa emoção, as primeiras balas que lhe zuniram ao ouvido, vindas do meio de macegas e do fundo da noite, num posto avançado do Passo da Patria. Ele ouvia-as passar, sentia-as

ameaçadoras, contava que alguma de repente o matasse. E mais nada. Acabar logo ali, ou acabar pouco adiante, não era tudo a mesma coisa ?

Atravessou assim, alheio e indiferente, por acampamentos e batalhas, na vagarosa marcha de cinco annos, que foi a guerra do Paraguai. Só nas lutas corpo a corpo, nas cargas de baioneta calada, nas carnificinas á arma branca, deixava de bater-se machinalmente, por simples obediencia aos toques do clarim. Assaltava-o então, furiosamente, a embriaguez do cheiro e da vista do sangue. Um desses momentos, em que era terrivel de arrojo, dera-lhe as divisas de sargento — divisas que ele recebeu com a mesma indiferença com que receberia um castigo, ou uma bala.

Para os ultimos tempos da campanha, começou a seduzir-lhe o espirito, esboçada vagamente, a idéa de voltar. Mas o seu desanimo, profundamente arraigado, resistiu. E' verdade que as balas eram já então bem mais raras do que nos alagadiços de Tuiuti, nas barrancas do Itororó, nas trincheiras de Curupaiti ou de Cruzú. . . Mas, pipocando de longe em longe, em frouxos tiroteios, em rapidos combates logo decididos, ainda assim matavam, abriam aqui e ali, ao acaso, um claro nas fileiras, varando um peito, despedaçando um craneo. Serafim fôra ferido em varios recontros, e escapára á morte; batera-se, durante quasi cinco annos, em cem combates, e estava vivo. Apesar disso, na obsessão da idéa que trouxera de que vir para a guerra era vir para a morte, contava certo que a sua vez chegaria de ficar, enfim, estendido no campo, como outros que ele via a cada passo cairem, e ficarem, deixando para sempre vago o seu lugar nas fileiras e na vida.

E, depois, a duração da campanha aparecia-lhe para o futuro, indefinida, alongada para além, muito para além dos limites razoaveis da sua existencia. Não, decididamente era loucura o pensamento de voltar, quando, de vagar, mas incessantemente, se marchava para diante, para diante sempre, dos esteiros para os campos, dos campos para as cordilheiras, e nas cordilheiras, desdobradas sempre para mais longe, de serra em serra, de cada trincheira tomada para outra trincheira que surgia do chão.

Aos poucos, porém, a resistencia do seu desanimo foi cedendo á evidencia. Os destroços do exercito de Lopez, bandos de maltrapilhos, mal fugiam já: caíam aos pedaços, despencando, pelos trilhos onde se estremalhavam, acossados de perto, os seus soldados imberbes, nos andrajos de fardas esfarrapadas, desmaiados de cansaço e de fome. Era o fim.

O desenlace da guerra, no Aquidaban, encontrou Serafim já restituído á esperanza de um regresso proximo, entregue de todo á preocupação do seu amor, que resurgira, numa explozão luminosa, de um fundo, vazio desespero de cinco annos.

E agora ali estava ele caminhando para Thereza, vencendo os ultimos trechos do caminho que desembocava na praia. Dahi a meia hora, quando muito, tornaria a encontrar a noiva, amada e carinhosa, que por tanto tempo julgára perdida para sempre. Imaginava-a, em todas as minúcias da formosura, como a deixára: o rosto moreno, com um tom rosado de jambo maduro; os olhos humidos e vivos, muito negros, fitando-o com uma ternura que mostrava a

alma; os labios rubros, de um sorriso tão claro e tão meigo, e cujo beijo devia ser tão saboroso. Vinham-lhe á lembrança os contornos do corpo de Thereza, os seios redondos que espontavam sob a alvura, indiscretamente amoldada, da camisa. . . Deliciava-se de a supôr a mesma em todo o conjunto dos seus encantos. Talvez mais alta; deixára-a com quinze annos, vinha encontral-a com vinte. Procurava adivinhar as primeiras palavras que ella lhe diria na perturbação da surpresa, na alegria de o tornar a ver. E logo, logo, o dia do casamento marcado, um noivado curto, a benção do padre, — e o resto da vida na felicidade do amor, entrelaçados ambos para sempre, estreitamente, de corpo e de alma.

Casualmente, os olhos do ex-soldado poisaram num jarová meio debruçado sobre o caminho, por cujo tronco uma trepadeira se enroscára, cingindo-o, e subira até ao leque das folhas. Chegada á cópa do coqueiro, a trepadeira aberta em flor, pendia de todos os lados, balouçando molemente corimbos es-carlates.

Serafim parou. Seu olhar, ordinariamente duro, inundou-se de uma infinita doçura; passou-lhe pelos labios como que a sombra dum leve sorriso; elle deixou escapar murmurada voluptuosamente, uma palavra solta, sem sentido :

— Assim.

Um murmurio de vozes despertou-o da scismadora contemplação em que ficára enlevado por instantes. Dois homens, alterados numa altercação, disputavam perto, com palavras asperas, furiosas.

Do ponto onde estava, Serafim não os podia ver. Contornando a encosta do morro, o caminho descia em zigue-zague. Serafim achava-se na parte superior do zigue-zague, a briga dava-se embaixo, na parte inferior, encoberta pelo barranco e pelo mato.

As palavras, porém, chegavam-lhe distintamente:

— Canalha! Já disse e não retiro! bradava uma das vozes.

— Canalha é você, ladrão! respondia a outra.

— Não repita!

— Repito.

— Não repita, que lhe quebro a cara.

— Quaes quebra nada.

— Tu não é homem p'ra mim.

— Sou homem p'ra dois como você.

Apressando o passo, Serafim dobrou a volta do caminho, e avistou, no meio deste, os dois contendores. Conheceu um, o João do Caruára, antigo desordeiro, brigador avalentado. Grosso, entroncado, com a cabeça baixa, dava ares de touro que vai arremeter. Tinha a mão direita no cabo da faca suspensa á cintura. O outro, desconhecido para Serafim, fazia frente ao do Caruára, com o peito arquejante na camisa entreaberta, os olhos fuzilando, uma espuma de raiva nos cantos da boca. Com o braço direito estendido a todo comprimento, a mão crispada, segurava o cabo de um remo, cuja ponta apoiava com força no chão.

Serafim largou o bahú, e correu para apartar a briga. Mas a uma palavra obscena que o outro sibilára, o desconhecido ergueu raivosamente o remo, armou uma pancada formidável que ia despedaçar a cabeça do adversario. Não teve tempo. Rapi-

damente, com uma agilidade felina, João do Caruára sacou da cinta a faca, cravou-lh'a no peito, saltou para traz, embrenhou-se no mato.

O remo bamboleou no ar, soltou-se da mão. Esta desceu bruscamente sobre a ferida, que jorrava sangue, pousou um momento, caiu inerte. O desconhecido, com a boca escancarada, de onde corria uma espuma sangrenta, com os olhos arregalados, como querendo saltar das orbitas, oscilou e caiu nos braços de Serafim, que chegava.

A facada varára o coração; a agonia foi curta. Quando conheceu que o ferido tinha expirado, Serafim arrastou o cadaver, do caminho lavado de sol, para a sombra, alfombrada de musgos, de um guapuruvú isolado entre arbustos. Estendeu-o ahi, fechando-lhe piedosamente os olhos. Apanhou a caixa dos aparelhos de pesca, e o puçá, que o desconhecido largára no chão para brigar, e guardou-os, juntamente com o remo, escondidos numa moita de craguatás. Em seguida, ficou um pedaço contemplando o morto, e monologando:

— Não conheço esta cara. Coitado, teve a sua baixa do serviço da vida. Também é preciso ter a alma bem na flôr da pele para levar a breca assim tão de repente. Ah, paizano, si você tivesse andado por lá, como eu, havia de aprender a respirar mesmo com dois furos desses na barriga.

Foi buscar o bahú, que deixára atraz, e seguiu. Ao passar na proximidade da sombra, onde deitára o morto, descobriu-se. Mas, não disse mais nada. Ia já, novamente absorvido, pensando em Thereza.

Chegado ao alto do morro, estacou. Espraiou um largo olhar, que abrangia tudo, sobre a casaria espalhada em baixo, salpicando, com os tons claros

das paredes caiadas e o amarello enfumaçado dos tectos de sapé, a verdura da vargem. Pela beira do jundú, na praia, que o mar agitado franjava de ondas espumantes, canôas descancavam sobre os rolos, redes secavam ao sol, estiradas nos varais. Ao longe, na fonte, que descia do morro cascadeando, mulheres lavavam; e, dispersas aqui e ali, refulgiam brancuras de roupas estendidas ao sol sobre o capim ondulante.

Num deslumbramento, Serafim esfregou os olhos. Parecia-lhe que despertava de um sonho. Era bem a sua praia que ali estava; era bem a sua vida de outrora, que revivia. . Mas, a pouco e pouco, o seu olhar se foi fixando: no meio de todas as coisas que recuperava, Serafim passou a ver, unicamente, a casinha branca, entre pitangueiras, lá para o canto da praia, onde Thereza morava.

A primeira casa, quasi encostada á aba do morro, era a do Manoel Pedro, principal personagem do lugar, pratico em coisas do mar, homem de bom conselho nas coisas da vida, e dono, além de tudo, da' rêde grande. O velho pescador exercia sobre a população da praia uma verdadeira autoridade de chefe de tribu, que todos espontaneamente lhe reconheciam. Em tudo a que se prendia um interesse collectivo, cabia-lhe a iniciativa, ou a direcção.

Quando Serafim chegou, Manoel Pedro sentado na soleira da porta, preparava para as pescarias do costão, descascando-a pachorrentamente, uma vara queimada de bacopari. Serafim aproximou-se, e, postado em frente do pescador, perguntou-lhe:

— Então, *seu* Manoel, não me conhece?

O outro fitou-o com um olhar frio, e abanou negativamente a cabeça.

— Sou Serafim.

Manoel Pedro encostou a vara de bacopari, levantou-se, estendeu a mão:

— Pois seja bemvindo.

E com os pequenos olhos pardos fitos no rosto do ex-soldado:

— E' mesmo, é Serafim. Pois não reconheci. Também, quem houvera de dizer. Você saiu daqui rapazote, diziam que tinha morrido na guerra. E agora, de repente, aparece vivo, homem feito, de barba na cara. Vamos entrar.

E deu o exemplo. Serafim, depondo no chão o bafú, seguiu-o. E Manoel Pedro, encarando-o risonho:

— Ora, já se viu como a barba muda a feição de uma pessoa. Sente, que eu vou mandar arranjar café.

E entrou para o interior da casa, deixando Serafim só, no meio da sala, sem dar ao ex-soldado tempo de contar-lhe que havia ali perto o corpo de um assassinado. Ancioso por fazer a comunicação, desembaraçar-se, e seguir para diante, Serafim nem se sentou. Esperou, de pé, pelo pescador, que voltou logo, seguido por um pequeno de dez anos, cujo olhar curioso ficou parado, fixando, com ingenua admiração, a figura do hospede.

— Sente, insistiu Manoel Pedro. O café tem pouca demora, mas você ha de vir cançado do estirão que andou, do Buracão até aqui.

Serafim sentou-se.

— Topei com um homem morto, quasi no caminho, perto daqui.

— Um homem morto?

— Matado. Com uma facada.

— Conheceu quem era?

— Não conheci.

— Quem será? murmurou Manoel Pedro, apprehensivo.

E, depois de uma pausa:

— E' preciso ir buscar o corpo. Vá ali no compadre Camillo — disse dirigindo-se ao pequenote — e avise a ele que chegue aqui. E' caso de pressa.

E voltou para o interior da casa, de onde trouxe, acabando de o enrolar, um pano de vela.

Camillo chegou, ficou inteirado em poucas palavras do que havia. Os dois pescadores pediram a Serafim que os acompanhasse para guial-os ao ponto em que se achava o cadaver. Sairam os trez.

— Que noticias me dão do meu padrinho? perguntou Serafim.

— Morreu de umas maleitas brabas, vai fazer trez anos pela quaresma, respondeu Manoel Pedro. E foi pena, porque era rijo, e haveria de botar longe si não fosse a doença.

Serafim não disse nada; apenas se lhe assombrou levemente o rosto. Depois de um curto silencio, tornou a perguntar:

— E o José Benedito?

— Vai bem.

Era o pai de Thereza. O nome desta subiu do coração de Serafim para os labios: ia pronuncial-o, pedir noticias dela. Mas o seu acanhamento de retraído venceu-o. Veiu-lhe uma subita repugnancia de revelar a anciedade que sentia, de fazer a dois estranhos a confidencia do seu amor. Arrependeu-se mesmo de ter perguntado por José Benedito, mostrando

por este um interesse em que se traía o seu affecto pela filha.

E calou-se.

Emquanto galgavam a subida do morro, Manoel Pedro e Camillo iam interrogando Serafim. Metido comsigo, e brusco, como sempre, o ex-soldado respondia-lhes em frases curtas, ás vezes por monosilabos. Ao fim de vinte minutos de caminho e de perguntas, os dois pescadores sabiam da vida de Serafim e da guerra, pouco mais do que na véspera.

Chegaram junto do guapuruvú, a cuja sombra jazia o cadaver.

— Anselmo! bradou Camillo recuando, espantado, ao reconhecer o morto.

— E' o Anselmo, confirmou Manuel Pedro. Coitado, rapaz de poucos anos e de tanta vida, com dois filhos.

E, de repente, o seu olhar, exprimindo como que uma idea vaga que se acentuava, que tomava corpo, passou da figura do morto para o rosto de Serafim, do rosto de Serafim para os olhos de Camillo. Este comprehendeu, sem duvida. Quando o ex-soldado se abaixava, estendendo o braço para tirar da mouta de craguatás, onde os escondera, a caixa, o puçá e o remo do morto, appareceu-lhe ao longo da manga uma mancha de sangue ainda fresco. Ficara-lhe ela de ter Serafim amparado o moribundo no momento do assassinato.

Camillo, disfarçadamente, mostrou a Manoel Pedro aquele sangue, dizendo em voz baixa:

— Olhe, compadre.

O outro olhou. E, tambem em voz baixa, murmurou:

— Já reparei.

Estenderam o pano de vela; nele pozeram o cadaver. Camillo e Manoel Pedro carregaram a rêde improvisada. Atraz, Serafim conduzia os objectos do morto.

— Como é que você pôde dar com o corpo assim afastado do caminho? perguntou, subitamente Manoel Pedro, parando, e voltando o rosto para Serafim.

Este demorou em responder. Não desejava, de fórma alguma, ser denunciante; e por isso evitára contar que assistira ao assassinato, que tomára no caso uma parte qualquer. Sem entrar em explicações, havia-se limitado a dizer laconicamente que encontrára um morto. E agora a pergunta de Manoel Pedro embaraçava-o.

Os dois pescadores ficaram olhando para Serafim; os seus olhos procuravam na fisionomia do ex-soldado a resposta que este estudava e estava tardando a dar. Afinal, Serafim explicou:

— Não vê que eu quiz ver a cachoeira, no ponto em que ella cái da lage, ali adiante. Entrei no mato. Logo nos primeiros passos dei com o morto.

Era uma resposta. Os dois ouviram-n'á em silencio, e recommçaram a andar.

As duas noticias emocionantes, de que resuscitára Serafim, e de que havia sido ali perto morto um homem, que ainda se não sabia quem era, corriam já na praia toda. Serafim, Manoel Pedro e Camillo encontraram apinhadas á boca do caminho umas vinte pessoas, anciando de curiosidade.

Houve rapidas palavras de boas vindas dirigidas a Serafim. E cada um exprimia o seu espanto e a sua compaixão, ao reconhecer no semblante desfigurado do morto as feições de Anselmo. Explodiram frases de indignação contra o desconhecido assassino, conjecturas sobre quem seria, ameaças vagas, pragas rogadas com furor

O corpo foi deposto sobre um catre forrado de uma esteira, na sala de Manoel Pedro. E, enquanto a um aceno do velho pescador, varios homens, dos mais idosos, o acompanhavam para uma sombra de murteiras, na frente da casa, onde ficaram conferenciando em voz baixa, a mulher de Manoel Pedro dirigia-se a Serafim:

— O café está quentinho. Sente um pouco, que já vem.

Serafim sentou-se e esperou.

Pela janela aberta, via o grupo de pescadores que conferenciavam gesticulando animadamente. O borborinho das palavras, pronunciadas em segredo, chegava-lhe confusamente ao ouvido. Serafim apenas comprehendia que se tratava da morte de Anselmo, de conjecturas sobre o autor ignorado do crime, de providencias a tomar.

Ha de ser bem custoso, pensava ele, atinarem que foi o João do Caruára. Ninguem viu, sinão eu; e ele não deixou signal nenhum.

Depois da pequena demora, o café veio. Serafim esgotou a tigela de louça branca com ramagens cor de rosa e levantou-se.

— Obrigado, sinhá Rita. Até logo todos.

E sahiu.

Quando, fóra da porta, abaixava-se para apanhar o bahú, que deixára no chão, chegou-se-lhe Manoel

Pedro, acompanhado dos demais pescadores; e batendo-lhe no hombro, o velho disse, com voz firme, a Serafim:

— Esteje preso.

Serafim olhou estupefacto. Não podia acreditar que o pescador falasse a sério; mas não lhe parecia também que a ocasião fosse propria para um gra-cejo.

— Preso, eu? perguntou entre espantado e incredulo.

— Você mesmo.

— Preso porque?

— Porque foi você que matou o Anselmo.

E vinte vezes apoiaram Manoel Pedro:

— De certo que foi! — Não foi outro! — Ninguem é cego p'ra não vêr o que está entrando pelos olhos! — Não negue, que é asneira!

Todos os presentes, cujo numero augmentava sem cessar com os que vinham chegando, cercaram Serafim. Um côro tumultuoso de imprecações, um granizo de frases que o condenavam, caiu sobre a sua cabeça.

— Vejam, foi á guerra aprender a ser matador. — Soldado sempre foi gente de má casta. — E este então, que sempre foi um boi sonso, um casmurro de cara torcida. — Nem bem chegado, já matou um. — Deve ir preso! — Ha de ir! — Ha de ir!

— Esteje preso, repetiu Manoel Pedro.

Serafim sacudiu os hombros, no gesto de quem cede a uma força maior do que a sua vontade.

Para desfazer aquella acusação absurda, para aplacar aquele assanhado furor da gente de sua terra, que contra elle tempestuava, logo no momento da

chegada, não tinha outro recurso que não fosse dizer o nome do assassino, contar o caso como presenciára. Repugnava-lhe vivamente o papel de denunciante. Mas que fazer? Não tinha outra defesa. E resolveu-se:

— Pois eu sei quem matou o homem. Foi.

Mas, interrompeu-se, engoliu o resto da frase. Por entre os troncos de murteiras, caminhando para o lado dele, aparecêra Thereza. A alma de Serafim concentrou-se, resumiu-se toda no olhar, que se embebeu na figura da moça. Pareceu-lhe esta mais bonita do que nunca, no desenvolvimento das fôrmas opulentas, no brilho dos grandes olhos pretos, numa desmaiada palidez que a fazia mais branca, branca de marmore... Nas feições alteradas de Thereza, Serafim adivinhou, sentiu, viu — toda a ternura de outrora, ardente e fiel, revelando-se na comoção em que a sua chegada imprevista alvoroçava o coração da noiva.

E deu um passo para Thereza.

Mas a moça, com um andar incerto em que os tamancos arrastavam no chão, passou por Serafim sem olhar, entrou a porta, foi direita ao cadáver de Anselmo, e, atirando-se sobre ele, debulhada em pranto, abraçando-o e beijando-o, num desespero que lhe fazia tremer o corpo todo, teve um grito lancinante:

— Meu marido!

Mulheres e creanças, ao contagio da dor de Thereza, romperam então numa vozeria de gemidos, num côro de lamentos. Frases soltas, em vozes entrecortadas de choro, comentavam o fim triste do morto,

relembravam as suas boas qualidades, lastimavam a sorte da viuva, com os seus dois filhinhos sem pai...

Serafim viera até á porta. Com os braços abertos, as mãos firmadas nos dois batentes, via e ouvia tudo, assombrado, num atordoamento. Só aos poucos o seu cerebro foi saindo do torpor em que o submergira o imprevisto, o espantoso da scena. Começou afinal, a comprehender, num desalento em que tudo parecia desmoronar-lhe em cima, a terrivel, irremediavel situação: Thereza, esquecida do seu amor nos braços de outro; o morto, recebendo ali, diante de seus olhos, toda a apaixonada ternura que ele, Serafim, contava encontrar fiel; a natural suspeita, tão servida pelas circumstancias do acaso, que o apontava como assassino do que se tornára marido de sua noiva.

De repente, Thereza ergueu-se. Voltada para Serafim, com os olhos fuzilando odio, num gesto desesperado, em que atirava as mãos acima da cabeça, bradou:

— Malvado! Matador! Malvado!

E tornou para o morto, caiu sobre ele, abraçando-o e beijando-o sofregamente, afogada em soluços.

Serafim abaixou a cabeça, deixou pender os braços.

Em seu coração esmagado começou a surgir um sentimento estranho. Olhou para as proprias mãos, viu-as limpas, e teve pena, pena de que não estivessem tintas, ensopadas no sangue de Anselmo... Pareceu-lhe que lhe seria delicioso ter sido ele mesmo o verdadeiro assassino, ter varado ele mesmo o coração daquelle que, vivo, lhe roubára a noiva; morto, ainda o esbulhava do desesperado carinho, da arre-

batada paixão que ali soluçava e se estorcia ; e, mesmo enterrado, apodrecido debaixo do chão, estaria ainda assim vinculado para sempre ao coração e á vida de Thereza, pelos dois filhos que lhe deixava...

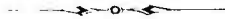
Fitando a moça, que abraçava furiosamente o cadaver, e alagava de lagrimas e cobria de beijos o rosto desfeito do marido, Serafim pensava :

— Devia ser eu ! Devia ser eu ! O João do Caruára se adiantou, tomou uma tarefa que era minha...

A idéa de ser para sempre, aos olhos de todos, o assassino de Anselmo, penetrou-o de uma dolorosa voluptuosidade. A perspectiva da força ou das galés atraiu-o com uma atracção vertiginosa de abismo. Invadiu-lhe a alma, apoderou-se de toda ela, uma desesperada sêde de sofrimento, de mais, de mais sofrimento.

Voltando-se para os homens, que desde a chegada de Thereza se conservavam mudos e imoveis, fóra da porta, Serafim falou :

— Fui eu mesmo. Matei quem roubou minha noiva. Matei, está acabado. Si ele tivesse outra vida, eu matava outra vez... Podem-me levar pr'a Justiça.







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).